



# **V** SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

## **Livro de Atas**

**VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**

**Organizadores**

Anabela Pereira, Manuela Calheiros, Paula Vagos, Inês Direito, Sara Monteiro,  
Carlos Fernandes da Silva, & Ana Allen Gomes

Editor: Associação Portuguesa de Psicologia

ISBN: 978-989-96606-1-8

# Estudos preliminares das características psicométricas da Escala de Resiliência para Adultos (ERA)

Marco Pereira<sup>1</sup>, Margarida Cardoso<sup>1</sup>, Stephanie Alves<sup>1</sup>, Isabel Narciso<sup>2</sup>, & Maria Cristina Canavarro<sup>1</sup>

1. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

2. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

**Resumo:** Objetivo: O presente estudo tem como objetivo apresentar as características psicométricas preliminares da Escala de Resiliência para Adultos (ERA). Metodologia: A amostra foi composta por 200 participantes, com uma idade média de 35.20 anos ( $DP=14.94$ ). A bateria de avaliação incluiu a ERA, a escala de resiliência Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC), a Escala de Auto-Eficácia Geral Percepcionada (EAEGP), a Perceived Stress Scale (PSS) e o instrumento de avaliação da qualidade de vida WHOQOL-Bref. Resultados: A Análise Fatorial Exploratória indicou a existência de cinco fatores, consistentes com a estrutura original da escala, e que apresentaram uma consistência interna satisfatória. As correlações com a CD-RISC, EAEGP, PSS e WHOQOL-Bref suportam a validade da ERA. Discussão: A ERA apresenta-se como uma escala útil para avaliar os fatores de resiliência e as suas características psicométricas preliminares validam a sua utilização na população portuguesa.

**Palavras-chave:** Características psicométricas; Escala de Resiliência para Adultos; Resiliência.

## INTRODUÇÃO

Uma tendência recente das ciências sociais e humanas diz respeito à mudança de uma perspetiva patogénica (i.e., focada na origem da doença) para uma perspetiva salutogénica (i.e., focada na origem da saúde), enfatizando a saúde, bem como as capacidades/competências positivas dos indivíduos. Nesta linha, o conceito de resiliência surge assim como uma característica individual que pode potenciar o desenvolvimento de resultados positivos na adaptação a contextos de adversidade.

Por definição, a resiliência refere-se à capacidade de adaptação, funcionamento positivo ou competência dos indivíduos, quando na presença de adversidade (Masten, 2007). Do ponto de vista conceptual, a resiliência pode ainda ser tomada a partir de dois pontos de vista distintos: (1) a resiliência como resultado, conceptualizada como o funcionamento adaptativo após a vivência de uma situação de adversidade; e (2) a resiliência como recurso, como fator de proteção em situações indutoras de stresse, potenciando a adaptação em situações adversas (Schaap, Galen, Ruijter, & Smeets, 2009). Nesta linha, a resiliência pode ser assim vista como um conjunto de traços de personalidade, qualidades e competências individuais relativamente estáveis que estão associadas à capacidade de superar e ultrapassar a adversidade e lidar com o stresse (Connor & Davidson, 2003).

A avaliação da resiliência tem sido realizada de modos muito distintos, dada a multiplicidade e complexidade que lhe está subjacente (Curtis & Cicchetti, 2007). São ainda escassos os instrumentos validados para a avaliação dos fatores de resiliência (Friborg, Barlaug, Martinussen, Rosenvinge, & Hjemdal, 2005), havendo ainda pouco consenso sobre quais os melhores para avaliar e descrever a resiliência (Hoge, Austin, & Pollack, 2007). A maioria dos instrumentos está ligada apenas em parte a este conceito (i.e., avaliando, por exemplo, a robustez e stresse percebido) e é aplicada a populações específicas, o que leva a uma difícil análise e comparação de resultados (Connor & Davidson, 2003; Friborg et al., 2005; Schaap et al., 2009). A necessidade de medidas bem validadas da resiliência que sejam fáceis de aplicar é evidente (Connor & Davidson, 2003; Vaishnavi, Connor, & Davidson, 2007), pois sem a compreensão deste conceito será difícil compreender a disfuncionalidade e as dificuldades de adaptação (Bonanno, 2004).

Para a avaliação da resiliência, quer em adolescentes quer em adultos, foram desenvolvidas diversas escalas (Ahern, Kiehl, Sole, & Byers, 2006), como por exemplo: (1) *Resilience Scale* (Wagnild & Young, 1993); (2) *Ego-Resiliency Scale* (Bock & Kremen, 1996); (3) *Connor-Davidson Resilience Scale* (CD-RISC; Connor & Davidson, 2003), bem como as suas versões abreviadas (CD-RISC10: Campbell-Sills & Stein, 2007; CD-RISC2: Vaishnavi et al., 2007); (4) *Adolescent Resilience Scale* (Oshio, Kaneko, Nagamine, & Nakaya, 2003); (5) *Resiliency Scales for Children & Adolescents* (Prince-Embury, 2008); (6) *Resilience Scale for Adolescents* (Hjemdal, Friborg, Stiles, Martinussen, & Rosenvinge, 2006); (7) *Cultural Resilience Measure* (Clauss-Ehlers, Yang, & Chen, 2006); e *Brief-Resilient Coping Scale* (Sinclair & Wallston, 2004).

Mais recentemente, foi desenvolvida, na Noruega, uma nova escala de avaliação de resiliência, que foi denominada de *Escala de Resiliência para Adultos* (ERA; Friborg, Hjemdal, Rosenvinge, & Martinussen, 2003). A ERA foi desenvolvida com o propósito de colmatar a escassez de medidas de avaliação da resiliência, nomeadamente na população adulta. O instrumento é constituído por 33 itens com respostas de diferenciação semântica, de modo a reduzir a tendência para a aquiescência e permite avaliar os recursos protetores que promovem a resiliência na idade adulta (Hjemdal, Friborg, Stiles, Rosenvinge, & Martinussen, 2006). Os autores construíram um modelo da resiliência, que demonstrou ser ajustado nos estudos psicométricos realizados e que compreende cinco fatores: competência pessoal, competência social, coerência familiar, apoio social e estrutura pessoal. Estes fatores estão incluídos num modelo global que compreende a resiliência como um fenómeno relacionado com três esferas da vida do indivíduo (atributos individuais, apoio familiar e sistemas de apoio externos). O presente estudo tem, portanto, como objetivo contribuir para a validação da versão Portuguesa da Escala de Resiliência para Adultos.

## **METODOLOGIA**

Caracterização da amostra:

A amostra foi constituída por 200 participantes, maioritariamente do sexo feminino ( $n = 106$ ; 53%) e com uma idade média de 35.20 anos ( $DP = 14.94$ ; amplitude: 18-72). A média de anos de escolaridade foi de 14.09 anos ( $DP = 3.36$ ). Nas restantes variáveis, observou-se uma distribuição semelhante em termos de estado civil (51% casados/unidos de facto e 48% solteiros) e situação profissional (49% estudantes e 47.5% empregados). Em relação ao meio de proveniência, a maioria da amostra residia no meio urbano ( $n = 146$ ; 73%).

Procedimentos:

Para a realização do presente estudo, o primeiro passo consistiu na obtenção da autorização dos autores da ERA. Em seguida, iniciou-se o processo de tradução do instrumento para Português. Após contacto com os autores da escala original, tomou-se conhecimento de que já existia uma versão em Português (do Brasil). Dada a existência de algumas divergências linguísticas, optou-se por realizar o processo de tradução completo. A ERA foi inicialmente traduzida pelo investigador responsável pela validação da escala em Portugal e, posteriormente, a primeira tradução foi revista por outros três investigadores. Depois de incorporadas as sugestões dos "revisores", chegou-se a uma versão final que foi depois submetida a retroversão por uma tradutora independente fluente em Inglês. A versão que resultou da retroversão foi comparada com a versão inicial e, em conjunto com a tradutora, foram feitos ajustamentos à primeira versão traduzida.

A recolha da amostra (por conveniência) foi realizada junto da população geral, bem como junto de estudantes do Ensino Superior da Universidade de Coimbra. Num total de 248 protocolos distribuídos, 204 foram preenchidos e devolvidos (o que corresponde a uma taxa de resposta de 82.3%), tendo quatro sido excluídos por preenchimento indevido. Aproximadamente um mês após o primeiro preenchimento, foi solicitado a 60 indivíduos que realizassem uma segunda passagem da ERA, de modo a avaliar a estabilidade temporal. Dos 60 contactados, foi recebido um total de 45 protocolos de avaliação (taxa de resposta = 75%).

## Instrumentos:

O protocolo de avaliação utilizado foi composto por uma ficha de dados sociodemográficos e pelos seguintes questionários: (1) *Escala de Resiliência para o Adulto* (ERA; Friborg et al., 2003); (2) *Connor-Davidson Resilience Scale* (CD-RISC; Connor & Davidson, 2003; Versão Portuguesa (VP): Faria & Ribeiro, em estudo); (3) a *Escala de Auto-Eficácia Geral Percecionada* (EAEGP; Schwarzer & Jerusalem, 1981); (4) a *Perceived Stress Scale* (PSS; Cohen, Kamark & Mermelstein, 1983; VP: Mota-Cardoso et al., 2002); e (5) o instrumento de avaliação da qualidade de vida (QdV), *World Health Organization Quality of Life – versão abreviada* (WHOQOL-Bref; WHOQOL Group, 1998; VP: Vaz Serra et al., 2006).

## Análises estatísticas:

Para o tratamento estatístico e análise dos dados utilizámos o programa IBM SPSS (versão 20.0). Numa primeira fase, para a caracterização sociodemográfica da amostra e estudo dos itens, recorremos à estatística descritiva (frequências relativas, médias e desvios-padrão). Os estudos psicométricos da ERA englobaram a análise de fiabilidade, avaliada através da análise de consistência interna, através do cálculo do alfa de Cronbach. A contribuição particular de cada item para a consistência interna do instrumento foi determinada através do alfa de Cronbach excluindo os itens, em relação à totalidade da escala. Para avaliar em que medida cada item é capaz de representar o constructo que a escala pretende medir, procedemos à análise dos coeficientes de correlação entre cada item e o total corrigido (excluindo o item). Nesta análise, seguimos os critérios apontados por Kline (2000), que sugere que são bons itens aqueles que se correlacionam acima de .30 com o total corrigido (total excluindo o item). A validade de constructo foi explorada através de correlações de Pearson entre os fatores que compõem a escala, de forma a verificar se estes estabeleciam entre si relações no sentido do que era teoricamente esperado. Para a validade convergente e divergente foram efetuadas correlações com medidas de resiliência, autoeficácia, stresse percebido e QdV. As comparações demográficas foram averiguadas através da análise multivariada da variância (MANOVA). Análises univariadas da variância (ANOVAs) subsequentes foram realizadas de forma a identificar a fonte dos efeitos multivariados (diferenças entre os grupos). Os testes *post hoc* de Bonferroni foram utilizados no sentido de localizar essas mesmas diferenças.

## RESULTADOS

### Estudo dos itens:

No que respeita às análises realizadas a cada um dos itens, apresenta-se no Quadro 1, para cada um dos itens da escala, a sua média e desvio-padrão, a correlação corrigida com o resultado total, o *alfa* de Cronbach se o item for retirado da escala e os valores de correlação teste-reteste dos itens.

Os valores das correlações item-total (corrigida) são, na generalidade, aceitáveis, variando entre .16 e .66. Relativamente aos valores do *alfa* de Cronbach, todos os valores, com exceção dos casos em que são excluídos os itens 6 e 12, se situam ligeiramente abaixo do valor de consistência interna para a escala total. Em relação à estabilidade teste-reteste, podemos verificar que todas as correlações são estatisticamente significativas para um nível de significação  $< .001$ , com exceção do item 10 ( $p < .05$ ).

Quadro 1. Estudo dos itens que compõem a ERA

Item	Média	DP	Correlação item-total corrigida	<i>Alfa</i> de Cronbach excluindo item	Teste-reteste ( $n = 45$ )
1	5.17	1.34	.51	.899	.95***
2	5.52	1.28	.56	.898	.89***
3	4.92	1.70	.26	.903	.95***
4	5.20	1.53	.42	.900	.70***
5	5.91	1.27	.47	.900	.87***

6	4.51	1.77	.16	.906	.79***
7	5.42	1.31	.54	.898	.75***
8	4.50	1.55	.46	.900	.96***
9	5.33	1.35	.38	.901	.76***
10	5.84	1.46	.51	.899	.31*
11	6.08	1.16	.61	.898	.89***
12	4.42	1.58	.16	.905	.85***
13	5.23	1.32	.45	.900	.89***
14	5.10	1.40	.54	.898	.77***
15	4.77	1.74	.35	.902	.83***
16	5.68	1.41	.52	.899	.77***
17	5.76	1.13	.45	.900	.66***
18	4.65	1.65	.32	.902	.91***
19	5.47	1.39	.58	.898	.90***
20	5.13	1.43	.66	.896	.70***
21	4.94	1.57	.49	.899	.96***
22	5.17	1.38	.49	.899	.75***
23	5.43	1.39	.49	.899	.86***
24	5.14	1.35	.28	.902	.72***
25	4.51	1.70	.53	.898	.83***
26	5.78	1.20	.54	.899	.64***
27	5.72	1.31	.47	.900	.60***
28	6.04	1.27	.48	.899	.95***
29	4.56	1.59	.32	.902	.72***
30	5.17	1.52	.48	.899	.93***
31	5.10	1.51	.52	.899	.76***
32	5.67	1.43	.46	.900	.65***
33	5.70	1.17	.64	.897	.64***

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

#### Análise fatorial exploratória:

Numa primeira fase, realizou-se uma análise fatorial exploratória (AFE) da ERA, seguida de rotação Promax, que culminou com uma solução de oito fatores, cuja variância total explicada era de 60.0%. Uma vez que os três últimos fatores explicavam uma percentagem da variância relativamente baixa (i.e., respetivamente 3.7%, 3.5% e 3.2%), aliado ao facto destes últimos conterem poucos itens, optou-se por pedir a extração de seis fatores, de acordo com a estrutura original da escala.

Nesta segunda solução, a variância cumulativa explicada foi de 53.4%. O Fator 1 explicava 26.9% da variância, o Fator 2 explicava 7.3%, o Fator 3 explicava 6.4%, o Fator 4 explicava 4.9%, o Fator 5 explicava 4.2% e, por fim, o Fator 6 explicava 3,7% da variância. A adequabilidade da amostra nesta análise fatorial foi verificada com o teste de Keiser-Meyer-Olkin (KMO), com o resultado de .86 e com o teste de Bartlett ( $p < .001$ ), que suportam a utilização desta análise.

Quadro 2. Distribuição dos itens pelos fatores (solução final)

Item	F1	F2	F3	F4	F5
13	.79				
29	.77				
01	.73				
14	.72				
25	.69				
07	.62				
02	.61				
19	.43				
08	.39				
16		.86			

31	.83			
27	.68			
22	.58			
04	.56			
10	.56			
23	.49			
18	.49			
28		.85		
05		.73		
11		.65		
32		.56		
17		.41		
33 <sup>a</sup>		.30		
15			.85	
21			.84	
03			.57	
30			.51	
26 <sup>a</sup>			.24	
12				.77
24				.70
09				.53
20				.46

<sup>a</sup> Os itens 26 e 30 saturaram igualmente nos Fatores 2 e 4, respectivamente. Por razões conceptuais e após análise das duas matrizes resultantes da AFE, optou-se por mudar os itens para os fatores onde se encontram nesta solução final (respectivamente, Fator 4 e 3).

Uma vez que no Fator 6 saturavam apenas dois itens (i.e., itens 6 e 8), optou-se por colocar o item 8 no Fator 1, onde saturava também de forma satisfatória e optou-se por eliminar o item 6, pois este não saturava em nenhum dos restantes fatores. De referir que este item foi o que mais fez inflacionar o *alfa* de Cronbach quando excluído. A realização de uma nova análise fatorial apenas com os 32 itens, e forçada a 5 fatores, revelou uma estrutura igual à que apresentamos no Quadro 2.

No Quadro 2 encontra-se exposta a estrutura final da distribuição dos itens por fator. Assim, na solução de cinco fatores, o Fator 1 foi designado de *competências pessoais*; o Fator 2 foi nomeado de *coesão familiar*; o Fator 3 recebeu a designação de *recursos sociais*; o Fator 4 de *competências sociais* e o Fator 5 foi denominado de *estilo estruturado*. A denominação dos fatores seguiu a designação dada pelos autores originais da ERA e, na sua globalidade, a estrutura resultante da AFE apresenta bastantes semelhanças com a estrutura original.

Consistência interna e estabilidade temporal:

Para o total dos itens, a ERA apresentou um *alfa* de Cronbach de .903. O valor do coeficiente Split-Half foi de .895. Relativamente aos fatores, o *alfa* de Cronbach variou entre .61 (F5: *estilo estruturado*) e .84 (F1: *competências pessoais*). As correlações teste-reteste, variando entre .79 (F2: *coesão familiar*) e .93 (F1: *competências pessoais*), atestam a estabilidade temporal do instrumento.

Estudos de validade:

Os cinco fatores da escala encontram-se significativamente associados entre si, o que permite admitir a existência da validade de conteúdo da ERA. As correlações são maioritariamente moderadas, com uma variação entre .33 (entre os fatores *coesão familiar* e *competências sociais*) e .59 (entre a *coesão familiar* e os *recursos sociais*).

Com o fim de avaliar as validades concorrente e divergente, foram analisadas as correlações entre os cinco fatores com outros instrumentos. A validade concorrente foi avaliada através da correlação entre os cinco fatores da ERA com os cinco fatores da CD-RISC (cf. Quadro 3). As correlações variaram entre

.07 (entre o Fator 3 da CD-RISC e a dimensão *estilo estruturado* da ERA) e .67 (entre o Fator 1 da CD-RISC e o fator *competências pessoais* da ERA). De assinalar que as associações mais fortes dos fatores da ERA se registaram com a dimensão *influências espirituais* da CD-RISC.

Quadro 3. Validade concorrente (correlação entre a ERA e a CD-RISC)

ERA	CD-RISC				
	F1	F2	F3	F4	F5
Competências pessoais	.67 <sup>***</sup>	.46 <sup>***</sup>	.39 <sup>***</sup>	.34 <sup>***</sup>	.39 <sup>***</sup>
Coesão familiar	.46 <sup>***</sup>	.22 <sup>**</sup>	.10	.23 <sup>**</sup>	.27 <sup>***</sup>
Recursos sociais	.62 <sup>***</sup>	.41 <sup>***</sup>	.30 <sup>***</sup>	.25 <sup>**</sup>	.36 <sup>***</sup>
Competências sociais	.40 <sup>***</sup>	.37 <sup>***</sup>	.31 <sup>***</sup>	.21 <sup>**</sup>	.28 <sup>***</sup>
Estilo estruturado	.13	.21 <sup>**</sup>	.07	.15 <sup>*</sup>	.21 <sup>**</sup>

Legenda: F1: Perceção de competência pessoal, padrões elevados e tenacidade; F2: Confiança nos instintos, tolerância às emoções negativas e fortalecimento dos efeitos do stress; F3: Aceitação positiva da mudança e relações interpessoais seguras; F4: Controlo; e F5: Influências espirituais.

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

A validade divergente da ERA foi avaliada através de correlações com as seguintes escalas: EAGP, PSS e WHOQOL-Bref. Os valores obtidos com estas correlações estão apresentados no Quadro 4. Como é possível verificar, a correlação entre os resultados nos fatores da ERA é positiva com a autoeficácia percebida e QdV e negativa com a perceção de stress.

Quadro 4. Validade divergente da ERA

	F1	F2	F3	F4	F5
EAGP (total)	.64 <sup>***</sup>	.32 <sup>***</sup>	.28 <sup>***</sup>	.28 <sup>***</sup>	.29 <sup>***</sup>
PSS (total)	-.60 <sup>***</sup>	-.28 <sup>***</sup>	-.26 <sup>***</sup>	-.31 <sup>***</sup>	-.25 <sup>***</sup>
WHOQOL-Bref					
Físico	.42 <sup>***</sup>	.40 <sup>***</sup>	.25 <sup>***</sup>	.18 <sup>**</sup>	.19 <sup>**</sup>
Psicológico	.67 <sup>***</sup>	.52 <sup>***</sup>	.35 <sup>***</sup>	.33 <sup>***</sup>	.30 <sup>***</sup>
Relações Sociais	.46 <sup>***</sup>	.39 <sup>***</sup>	.42 <sup>***</sup>	.27 <sup>***</sup>	.30 <sup>***</sup>
Ambiente	.51 <sup>***</sup>	.43 <sup>***</sup>	.30 <sup>***</sup>	.23 <sup>***</sup>	.23 <sup>**</sup>
Geral	.30 <sup>***</sup>	.37 <sup>***</sup>	.24 <sup>**</sup>	.10	.16 <sup>*</sup>

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

#### Comparações sociodemográficas:

Com o objetivo de explorar a associação entre os fatores da ERA e diferentes variáveis demográficas, começámos por comparar homens e mulheres, no sentido de avaliar as diferenças de género. Neste sentido, as análises revelaram um efeito multivariado significativo [Lambda de Wilks = .88;  $F_{(5, 194)} = 5.30$ ;  $p < .001$ ;  $\eta^2 = .12$ ]. No que respeita aos fatores da escala, os testes univariados subsequentes revelaram efeitos significativos nos fatores *recursos sociais* e *estilo estruturado*, tendo o sexo feminino valores mais elevados. Os resultados encontram-se descritos no Quadro 5.

Nesta sequência, foi ainda analisada a faixa etária como fator de variabilidade. Neste sentido, a amostra total foi dividida em três grupos: o primeiro grupo com os participantes com idade inferior a 25 anos, o segundo com indivíduos com idade compreendida entre os 26 e os 44 anos e o último grupo incluiu os participantes com idade superior a 45 anos. As análises revelaram um efeito multivariado significativo [Lambda de Wilks = .69;  $F_{(5, 194)} = 7.91$ ; ;  $p < .001$ ;  $\eta^2 = .17$ ]. Os testes subsequentes apontaram um efeito significativo nas dimensões *competência pessoal* e *coesão familiar*,

cujos valores aumentam com a idade (i.e., o grupo com valores mais elevados é o mais velho) (cf. Quadro 6).

Quadro 5. Comparação dos fatores da ERA por género

	Masculino ( $n = 94$ )	Feminino ( $n = 106$ )	$F$	$\eta_p^2$
	$M (DP)$	$M (DP)$		
Competências pessoais	5.08 (0.97)	5.01 (0.92)	0.23	.001
Coesão familiar	5.21 (0.97)	5.45 (0.91)	3.29	.016
Recursos sociais	5.63 (1.00)	6.05 (0.71)	11.71*	.056
Competências sociais	5.00 (1.20)	5.20 (0.94)	1.81	.009
Estilo estruturado	4.78 (1.07)	5.20 (0.82)	9.69*	.047

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

Os testes *post-hoc* de Bonferroni revelaram a existência de diferenças significativas relativamente ao fator *competências sociais*, apenas entre os participantes com menos de 25 anos e o grupo com mais de 45 anos. Já em relação à *coesão familiar*, o grupo com idade superior aos 45 anos distinguiu-se significativamente dos outros dois grupos etários.

Quadro 6. Comparação dos fatores da ERA por grupo etário

	< 25 ( $n = 89$ )	26 – 44 ( $n = 41$ )	> 45 ( $n = 70$ )	$F$	$\eta_p^2$
	$M (DP)$	$M (DP)$	$M (DP)$		
Competências pessoais	4.89 (0.93)	5.01 (1.00)	5.26 (0.90)	3.14*	.031
Coesão familiar	4.91 (0.86)	5.52 (0.91)	5.78 (0.84)	21.09*	.176
Recursos sociais	5.89 (0.88)	5.66 (0.91)	5.92 (0.85)	1.29	.013
Competências sociais	5.11 (1.05)	5.21 (1.03)	5.05 (1.14)	0.30	.003
Estilo estruturado	4.93 (0.94)	5.00 (0.91)	5.09 (1.03)	0.52	.005

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

Foi também avaliada a correlação entre as habilitações literárias e os resultados nos fatores da ERA. As correlações atingiram valores baixos e significativos para os fatores *competências pessoais* ( $r = .27$ ,  $p < .001$ ), *coesão familiar* ( $r = .33$ ,  $p < .001$ ) e *estilo estruturado* ( $r = .14$ ,  $p = .044$ ). Nos três fatores, as correlações encontradas mostram que um maior grau de instrução se encontra associado a níveis mais elevados de resiliência.

Por fim, foi analisada a influência do estado civil (cf. Quadro 7). A amostra foi dividida em dois grupos, de acordo com a situação relacional: casados/unidos de facto e solteiros. As análises revelaram um efeito multivariado significativo [Wilk's lambda = 0.69;  $F_{(5, 194)} = 17.14$ ;  $p < .001$ ;  $\eta^2 = .31$ ]. Os testes univariados mostraram que as diferenças nos resultados da ERA foram significativas nas dimensões *coesão familiar* e *estilo estruturado*. Em ambos os fatores os participantes casados/unidos de facto apresentaram resultados mais elevados. Em termos gerais, os indivíduos casados/unidos de facto apresentaram valores mais elevados em todas as dimensões, com exceção do fator *recursos sociais*.

Quadro 7. Comparação dos fatores da ERA por estado civil

	Casados / União de facto ( $n = 104$ )	Solteiros ( $n = 96$ )	$F$	$\eta_p^2$
	$M (DP)$	$M (DP)$		



Competências pessoais	5.22 (0.89)	4.86 (0.97)	7.70	.037
Coesão familiar	5.74 (0.84)	4.91 (0.87)	47.00***	.192
Recursos sociais	5.85 (0.87)	5.86 (0.89)	0.01	.000
Competências sociais	5.14 (1.09)	5.07 (1.06)	0.18	.001
Estilo estruturado	5.13 (0.95)	4.85 (0.96)	4.31*	.021

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

## CONCLUSÕES

O presente estudo teve como principal objetivo contribuir para a validação da versão Portuguesa da Escala de Resiliência para Adultos. Globalmente, a ERA revelou bons níveis de fidedignidade, tanto ao nível da consistência interna, como da estabilidade temporal. Os resultados dos estudos de validade são também satisfatórios, o que atesta a possibilidade da sua utilização em Portugal.

Em relação à análise fatorial exploratória, a solução encontrada no presente estudo parece explicar satisfatoriamente os resultados e é consistente com a estrutura inicial da ERA (Friborg et al., 2003). Esta estrutura, organizada em cinco fatores, apresenta bastantes semelhanças à estrutura proposta pelos autores originais, que apontam como fatores a *competência pessoal*, as *competências sociais*, a *coesão familiar*, os *recursos sociais* e a *estrutura pessoal*. Globalmente, o fator *competências pessoais* engloba os fatores *perceção de si próprio* e *perceção do futuro* da versão mais recente da ERA, inicialmente congregados num único fator, designado de *força pessoal* (Friborg et al., 2005) e recentemente nomeado de *competências pessoais* (Jowkar, Friborg, & Hjemdal, 2010). Os fatores *coesão familiar*, *recursos sociais* e *competências sociais* são similares à versão original.

As características psicométricas da ERA foram avaliadas pelos estudos de precisão e validade. Os fatores apresentaram, em termos gerais, valores aceitáveis de consistência interna, satisfazendo os critérios propostos por Pasquali (2003), segundo os qual é aceitável um valor de alfa superior a .70. De assinalar, porém, a baixa consistência interna do fator *estilo estruturado*. Por um lado, trata-se de um fator composto por um menor número de itens (4), o que pode contribuir para essa baixa consistência interna. Por outro lado, é um fator que tem apresentado também baixa consistência interna, inclusive nos estudos originais (Friborg et al., 2003; Friborg et al., 2005; Hjemdal et al., 2006). Esta dimensão merece, no entanto, atenção adicional em estudos futuros.

No presente estudo, convém mencionar que, relativamente ao item 6 (*Estou no meu melhor quando: tenho um objetivo claro por que lutar versus consigo levar um dia de cada vez*), optou-se por retirá-lo, uma vez que este não saturava satisfatoriamente em nenhum dos fatores resultantes da AFE e também pelo facto de que, quando excluído, contribuía significativamente para o aumento do *alfa* de Cronbach total. Deste modo, a versão da ERA que aqui apresentamos ficou composta por 32 itens. Porém, dada a natureza preliminar deste estudo, será importante, em análises subsequentes, analisar com maior pormenor o comportamento deste item.

No que se prende com a validade de constructo, as correlações entre os cinco fatores são baixas a moderadas, o que é coincidente com o objetivo dos autores originais, que sugerem que estas dimensões avaliam diferentes aspetos positivos do conceito de resiliência (Jowkar et al., 2010). Os estudos de validade convergente (com a CD-RISC) e divergente atestam também a validade da ERA.

Por fim, no que respeita às comparações sociodemográficas, observou-se, em relação ao género, um efeito significativo nos fatores *recursos sociais* e *estilo estruturado*, sendo o sexo feminino a apresentar valores mais elevados, tal como já reportado por Friborg et al. (2003) e, mais recentemente por Jowkar et al. (2010). Ainda que a diferença não tenha sido significativa, e tal como no estudo original (Friborg et al., 2003), os homens apresentaram resultados mais elevados na dimensão *competências pessoais*. A idade apresentou um efeito significativo nos fatores *competência pessoal* e *coesão familiar*, tendo o grupo mais velho (idade > 45 anos) apresentado resultados mais elevados. Estes resultados diferem dos reportados no estudo original (Friborg et al., 2003), em que os autores apenas encontraram uma associação significativa com o *estilo estruturado*. Relativamente às habilitações literárias, encontrámos

valores mais baixos e significativos nos fatores *competências pessoais*, *coesão familiar* e *estilo estruturado*. Concretamente, uma maior instrução mostrou-se associada a maiores níveis de resiliência. Em relação ao estado civil, registaram-se diferenças significativas nos fatores *estilo estruturado* e *coesão familiar*, tendo os indivíduos casados/unidos de facto reportado maiores resultados.

Este estudo não está isento de algumas limitações. Em primeiro lugar, as limitações impostas pela amostragem por conveniência e o desenho transversal devem ser consideradas na generalização dos resultados. Ainda, algumas características da amostra não possibilitam um grau de representatividade que permita a extrapolação das conclusões desta investigação para a população portuguesa (e.g., a idade de 35.20 anos é inferior à média da população adulta portuguesa; as habilitações literárias da amostra são superiores às da população portuguesa, nomeadamente pelo facto de uma parte da amostra ter sido recolhida junto de estudantes universitários).

Em síntese, e face ao exposto, os dados relativos à precisão e validade da versão Portuguesa da ERA, ainda que preliminares, asseguram o seu bom desempenho psicométrico, tornando-se uma medida multidimensional adequada para avaliação dos fatores de resiliência, cuja aplicação poderá ser estendida a diferentes contextos, quer clínicos quer de investigação. Nesta linha, avaliar os fatores de resiliência (que se podem entender como fatores protetores) a diferentes níveis, quer intrapessoais (competências pessoais/sociais) quer interpessoais (recursos familiares/sociais) pode ser útil para melhor conhecer como os diferentes níveis dos fatores protetores interagem com o risco e com os fatores de stresse.

## **AGRADECIMENTOS**

Marco Pereira é apoiado por uma bolsa de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT - SFRH/BPD/44435/2009).

## **CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Marco Daniel de Almeida Pereira, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Correio eletrónico: marcopereira@fpce.uc.pt

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Ahern, N. R., Kiehl, E. M., Sole, M. L., & Byers, J. (2006). A review of instruments measuring resilience. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 29(2), 103-125. doi:10.1080/01460860600677643
- Bock, J., & Kremen, A. M. (1996). IQ and Ego-Resiliency: conceptual and empirical connections and separateness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(2), 349-361. doi:10.1037/0022-3514.70.2.349
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, 59(1), 20-28. doi:10.1037/0003-066X.59.1.20
- Campbell-Sills L., & Stein M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC): Validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress*, 20(6), 1019-1028. doi:10.1002/jts.20271
- Clauss-Ehlers, C. S., Yang, Y., & Chen, W. (2006). Resilience from childhood stressors: The role of cultural resilience, ethnic identity, and gender identity. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, 5(1), 124-138. doi:10.2513/s15289168jicap0501\_7
- Cohen, S., Kamarck, T., & Mermelstein, R. (1983). A Global Measure of Perceived Stress. *Journal of Health and Social Behavior*, 24(4), 385-396. doi:10.2307/2136404
- Connor, K. M. & Davidson, J. T. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, 18(2), 76-82. doi:10.1002/da.10113

- Curtis, W. J. & Cicchetti, D. (2007). Emotion and resilience: A multilevel investigation of hemispheric electroencephalogram asymmetry and emotion regulation in maltreated and nonmaltreated children. *Development and Psychopathology*, *19*(3), 811-840. doi:10.1017/S0954579407000405
- Friborg, O., Barlaug, D., Martinussen, M., Rosenvinge, J., & Hjemdal, O. (2005). Resilience in relation to personality and intelligence. *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, *14*(1), 29-42. doi:10.1002/mpr.15
- Friborg, O., Hjemdal, O., Rosenvinge, J., & Martinussen, M. (2003). A new rating scale for adult resilience: What are the central protective resources behind healthy adjustment? *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, *12*(2), 65-76. doi:10.1002/mpr.143
- Hjemdal, O., Friborg, O., Stiles, C. O., Martinussen, M., & Rosenvinge, J. H. (2006). A new rating scale for adolescent resilience: Grasping the central protective resources behind healthy development. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, *39*, 84-96.
- Hjemdal, O., Friborg, O., Stiles, T. C., Rosenvinge, J., & Martinussen, M. (2006). Resilience predicting psychiatric symptoms: A prospective study of protective factors and their role in adjustment to stressful life events. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *13*(3), 194-201. doi:10.1002/cpp.488
- Hoge, E. A., Austin, E. D., & Pollack, M. H. (2007). Resilience: Research evidence and conceptual considerations for posttraumatic stress disorder. *Depression and Anxiety*, *24*(2), 139-152. doi:10.1002/da.20175
- Jowkar, B., Friborg, O., & Hjemdal, O. (2010). Cross-cultural validation of the Resilience Scale for Adults (RSA) in Iran. *Scandinavian Journal of Psychology*. doi:10.1111/j.1467-9450.2009.00794.x
- Kline, P. (2000). *The handbook of psychological testing* (2<sup>nd</sup> ed.). New York: Routledge.
- Masten, A.S. (2007). Resilience in developing systems: Progress and promise as the fourth wave rises. *Development and Psychopathology*, *19*(3), 921-930. doi:10.1017/S0954579407000442
- Mota-Cardoso, R., Araújo, A., Ramos, R. C., Gonçalves, G., & Ramos, M. (2002). *O stress dos professores portugueses: Estudo IPSSO 2000*. Porto: Porto Editora.
- Nakaya, M., Oshio, A., & Hitoshi, K. (2006). Correlations for adolescent resilience scale with big five personality traits. *Psychological Reports*, *98*(3), 927-930. doi:10.2466/PRO.98.3.927-930
- Oshio, A., Kaneko, H., Nagamine, S., & Nakaya, M. (2003). Construct validity of the Adolescent Resilience Scale. *Psychological Reports*, *93*, 1217-1222. doi:10.2466/pr0.2003.93.3f.1217
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria – Teoria dos testes na Psicologia e Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Prince-Embury, S. (2008). The Resiliency Scales for Children and Adolescents, Psychological symptoms and clinical status in adolescents. *Canadian Journal of School Psychology*. *23*(1), 41-56. doi:10.1177/0829573508316592
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence, and coping. *Child Abuse & Neglect*, *31*(3), 205-209. doi:10.1016/j.chiabu.2007.02.001
- Schaap, I. A., Galen, F. M., Ruijter, A. M., & Smeets, E. C. (2009). Resilience, the article: The balance between awareness and fear. Retirado de [www.impact-kenniscentrum.nl/download/file1163776605.pdf](http://www.impact-kenniscentrum.nl/download/file1163776605.pdf)
- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized Self-Efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston (Eds.), *Measures in health psychology: A user's portfolio* (pp. 35-37). Windsor: NFER-NELSON.
- Sinclair, V. G., & Wallston, K. A. (2004). The development and psychometric evaluation of the Brief Resilient Coping Scale. *Assessment*, *11*, 94-101. doi:10.1177/1073191103258144
- Vaishnavi, S., Connor, K., & Davidson, J. T. (2007). An abbreviated version of the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC), the CD-RISC2: Psychometric properties and applications in psychopharmacological trials. *Psychiatry Research*, *152*(2-3), 293-297. doi:10.1016/j.psychres.2007.01.006
- Vaz Serra, A., Canavarro, M. C., Simões, M., Pereira, M., Gameiro, S., Quartilho, M. J., ... Paredes, T. (2006). Estudos psicométricos do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, *27*(1), 41-49.
- Wagnild, G. M. & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, *1*(2), 165-178.

WHOQOL Group (1998). Development of World Health Organization WHOQOL-BREF Quality of Life Assessment. *Psychological Medicine*, 28, 551-558. doi:10.1017/S0033291798006667